

Amigos do peito do presidente

e Machline: Sarney costuma ouvir os seus conselhos

Os ami

Sodré, Ramos

ALEX SOLNIK
Da Sucursal

São Paulo — O mais antigo dos amigos paulistas do presidente Sarney, o ex-governador Abreu Sodré, sabia, dois dias antes do anúncio oficial, que o ministro Dorneles poderia renunciar e que o novo ministro da Fazenda mais provável seria outro amigo seu, o empresário Dilson Funaro, a quem conhece há 16 anos. No sábado, 31 de agosto, recebeu, em sua casa de São Paulo, um chamado telefônico do Palácio do Planalto. Do outro lado da linha estava o próprio Presidente. Sarney pediu que o amigo enumerasse as qualidades de Funaro. "E eu lhe falei de Funaro com todo o fervor — conta Sodré.

Submerso desde 1970, quando expirou seu mandato de governador, Sodré volta à tona agora que seu grande amigo está na Presidência. Toda hora está viajando para Brasília. Os telefonemas entre seu escritório e o Palácio do Planalto são diários. Mas o relacionamento tem suas regras, diz Sodré: "Só falo com ele quando ele me solicita. E nunca pedi nada a ele".

Amizade antiga, de mais de 30 anos, de tempo em que eram deputados, ambos da "ala jovem" da UDN. "O grupo de esquerda" define o ex-governador. Amigos, mesmo, nas viagens do Maranhão, Sodré se hospeda na casa da mãe de Sarney, dona Kiola. Amizade toda construída no campo político, onde têm afinidades. Nunca fizeram negócios, conta Sodré, "não sou de fazer negócios", diz ele. "Nunca comprei uma ação. Meu negócio é sim advogado e cuidar das minhas fazendas".

Pensamento igual, Sarney e Sodré sempre estiveram juntos nas eleições nacionais, defendendo o mesmo candidato. Em 1960, lutaram pela vitória de Jânio. Durante a campanha, conheceram um assessor de Jânio que viria integrar o hoje chamado "grupo de amigos do Sarney": o advogado paulista José Saulo Ramos.

"Eu era o Célio Borja do Jânio" conta, risonho Saulo Ramos, um dos mais respeitados advogados do País. Outros nomes, lembra ele, que estiveram na campanha ou no governo Jânio estão no governo Sarney. Os generais Leônidas Pires Gonçalves e Ivan de Souza Mendes, então majores; José Hugo Castelo Branco, então oficial de Gabinete do Chefe da Casa Civil, Quintanilha Ribeiro; Roberto Gusmão, que por não suportar a vida em Brasília foi enviado por Jânio para ser delegado do Ministério do Trabalho em São Paulo. Depois da renúncia, conta Saulo Ra-

mos, o grupo se dispersou. Mas ele continuou unido a Sarney e Sodré.

Desde essa época, Saulo Ramos, produz todos os pareceres jurídicos de que Sarney necessita. "Até parecer do enfarte do Figueiredo eu fiz", orgulha-se. Quando Sarney se tornou Presidente, Saulo Ramos lhe disse que iria se afastar um pouco dele. Mas o afastamento é relativo. Todas as questões jurídicas do governo Sarney passam por seu gabinete. Ele é o consultor do Célio Borja.

Hoje, Saulo Ramos não está em Brasília, junto com os amigos convidados pelo Presidente, porque não podia deixar a mãe, uma senhora de 80 anos, sozinha em São Paulo. Sarney o convidara, como aos demais. O presidente não concorda com o afastamento do amigo, aciona-o sempre e convocou-o para integrar a comissão pre-constituente. "Só aceitei isso do Sarney", diz Saulo Ramos.

No fim de semana que antecedeu a queda de Dornelles, Saulo Ramos já estava em Brasília, acompanhando o empresário Mathias Machline, hospedados no mesmo hotel, em quartos contíguos. Este empresário, nascido no Rio Grande do Sul e que venceu em São Paulo, entrou no rol dos amigos do Presidente muito depois de Sodré e de Saulo, e hoje é o mais influente deles. Foi apresentado por Sodré a Sarney, há mais de 10 anos, quando Sarney terminou o mandato de governador do Maranhão. Sodré conheceu Machline em 1965, e tem com ele grande amizade até hoje. Negócios, não. Nunca. "Não tenho uma ação da Sharp" garante Sodré. Em contrapartida, Machline nunca se interessou por política.

Machline tem uma influência muito grande sobre o Presidente, principalmente nas questões econômicas, onde dá palpites. Ele é um típico self-made-man, começou com vendedor de máquinas de escritório, sem ter pai rico, e, grande vendedor que é, "fabuloso vendedor" segundo Sodré — conseguiu



Mathias Machline

erguer um império eletrônico de dimensões tentaculares, a Sharp. Foi ele quem "vendeu" a Sarney o assessor econômico Luis Paulo Rosemberg. Além de amigo de Machline, Rosemberg trabalhou para ele, como consultor e foi funcionário fixo de outro grande amigo de Machline, José Papa Jr, que também faz parte da roda do Presidente.

Machline foi um dos grandes responsáveis pela indicação de Funaro para o Ministério da Fazenda. Funaro, na verdade, é mais amigo de Sarney e de Sodré do que de Machline. Quem o conheceu foi Sodré. "Conheci-o quando o escolhi, por currículo, para ser meu secretário de governo, em 1969". Apesar de não ser tão amigo assim de Funaro, Machline o apoiou de todo o coração por considerá-lo um empresário capaz.

Na segunda-feira, dia 2, em que Funaro foi promovido a ministro, Sarney telefonou para Sodré. "Escolhemos o Tsukamoto", disse-lhe, em tom de blague, como costumam conversar. Trata-se de Yuichi Tsukamoto, diretor da Sharp, que também tem prestado consultoria econômica ao Presidente. A Sharp sempre teve empregados-vedete, o que é uma de suas características.

Passaram, pelo grupo encabeçado por Machline, o ex-ministro Amauri Stabile, que trabalhou em seu banco, antes de ser ministro de Figueiredo, mas numa época em que já era uma das estrelas do grupo de Delfim Netto; o ex-governador do Amazonas, Danilo Areosa em 1970; o general Ramiro Gonçalves, nos anos 76 e 77; na Sharp componentes; o general Henrique Assunção Cardoso, revolucionário de 64 de primeira hora, também nessa empresa; os dois filhos do presidente João Figueiredo, na Sid Eletrônica, e que saíram do emprego em meio ao mandato presidencial do pai.

Quando os amigos se encontram no Palácio do Jaburu, em Brasília, estão todos juntos, mas cada um age a seu modo. "Eu sou diferente do Sodré" diz Saulo Ramos. "Ele é político e eu não sou". E exemplifica: se chega uma equipe de TV no Jaburu e eles estão de partida, o Sodré sempre fica, e ele se retira imediatamente. Saulo Ramos tem 54 anos, Sarney 55, Machline, 52. O mais idoso é Sodré. "E o vovô do grupo" sentença Saulo Ramos. Os amigos gostam de se elogiar. Sodré diz, de Machline: "Trabalha de 14 a 15 horas por dia". Mas não se obriga a partilhar de todos os prazeres do outro, que é louco por cavalos de corrida. "Eu, detesto", proclama Sodré.